

## Além da vontade de sentido: Diálogos entre logoterapia e religião

*Beyond the will to meaning: dialogues between logotherapy and religion*

**Thiago Antonio Avellar de Aquino<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente artigo trata da perspectiva acerca da religiosidade na Logoterapia. De forma específica, objetiva identificar o papel da vontade de sentido último para o homem religioso, fundamentando-se no pensamento de Viktor Frankl. Para alcançar o seu escopo, discorre sobre a vida e a obra do autor, com o intuito de clarificar a sua ideia de religião e religiosidade. Analisa a religiosidade em suas bases antropológicas e filosóficas no que tange à tríade: liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido da vida. Por fim, constata-se que o ponto fulcral da religiosidade é a voz da consciência, manifestada por meio de um relacionamento inconsciente com um Deus pessoal.

**Palavras-chave:** Sentido último. Religiosidade. Logoterapia.

**Abstract:** This article deals with the perspective on religiosity in Logotherapy. Specifically, it aims to identify the role of the will to ultimate meaning for the religious man, based on the thought of Viktor Frankl. To achieve its scope, it discusses the life and work of the author, in order to clarify his idea of religion and religiosity. It analyzes religiosity in its anthropological and philosophical bases with regard to the triad: freedom of will, will to meaning and meaning of life. Finally, it is observed that the central point of religiosity is the voice of consciousness, manifested through an unconscious relationship with a personal God.

**Keywords:** Ultimate meaning. Religiosity. Logotherapy.

## Introdução

Quem pode dizer que acredita? Não ousou dizer que acredito. Mas se alguém já conseguiu ser plenamente humano, pode experimentar a relativa irrelevância da confissão explícita de Deus<sup>2</sup>.

O ser humano sempre teve conhecimento intuitivo acerca de uma dimensão transcendental e inacessível, sobretudo por meio dos profetas, dos místicos e dos artistas. Tais intuições sugerem duas funções relacionadas a essa dimensão supra-humana: assegurar que há uma ordem no universo

<sup>1</sup> Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (1995), mestrado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (1998) e doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (2009). Atualmente, é professor associado do Departamento de Ciências das Religiões do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: thiagoaquino19.ta@gmail.com.

<sup>2</sup> No original: “¿Quién puede decir que cree? No me atrevo a decir que creo. Pero, si uno ha logrado alguna vez ser plenamente humano, puede experimentar la relativa irrelevancia de la confesión explícita de Dios”; FRANKL, Viktor Emil; LAPIDE, Pinchas. **Búsqueda de Dios y sentido de la vida: diálogos entre un teólogo y un psicólogo**. Trad. Gilberto Canal Marcos. Barcelona: Herder, 2005. p. 104.

e que o ser humano faz parte desse ordenamento<sup>3</sup>. De forma geral, os sistemas religiosos pressupõem que a vida tem por base um espírito superior que abarca o mundo, dominando-o e governando-o. Ademais, “por meio das religiões diversas, procuram os homens uma resposta aos profundos enigmas para a condição humana”<sup>4</sup>. Dessa forma, a tarefa fundamental do homem religioso é se conectar ou se religar com o espírito absoluto<sup>5</sup>.

Este movimento, direcionado para um supra-Ser transcendente ao mundo material, foi compreendido pelos sistemas de psicoterapia de várias maneiras, entre elas, como uma neurose obsessiva (Freud) ou reduzida a uma pulsão religiosa (Jung)<sup>6</sup>. Entretanto, Viktor Frankl o concebeu como um fenômeno especificamente humano e, por conseguinte, irreduzível, ou seja, que não pode ser compreendido como um epifenômeno. Frankl introduziu o conceito de vontade de sentido no âmbito da Logoterapia, como motivação fundamental do ser na busca de um sentido em sua existência finita<sup>7</sup>. Além da vontade de sentido, defendeu também a vontade de sentido último da existência, em uma perspectiva fenomenológica. Assim, descreveu a relação do homem com um Tu transcendente não por meio da revelação divina, mas do ponto de vista de quem vivencia a experiência com o “totalmente outro”.

Sob esse ponto de vista, o objetivo do presente artigo é identificar o papel da vontade de sentido último para o homem religioso no pensamento de Viktor Frankl. Para alcançar o seu escopo, o artigo se estrutura em quatro partes: inicialmente, abordam-se alguns aspectos da vida de Viktor Frankl; em seguida, os fundamentos antropológicos da vontade de sentido; a religião e a religiosidade no pensamento de Frankl; e, por fim, considera-se o papel da consciência e do inconsciente religioso, com atenção especial aos sonhos.

## Notas sobre a vida de Viktor Frankl

A vida e a obra de um pensador, inequivocamente, estão inseridas no espírito da sua época (*Zeitgeist*) e se entrelaçam como uma rede de significados. Com Viktor Frankl (1905-1997) não foi

<sup>3</sup> FABRY, Joseph. **La búsqueda de significado**: la logoterapia aplicada a la vida. Trad. Sergio Lugo Rendo. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

<sup>4</sup> JOÃO PAULO II. **Cruzando o limiar da esperança**. Trad. Antônio Agonose; Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 86.

<sup>5</sup> EUKEN, Rudolf. **O sentido e o valor da vida**. Trad. João Távola. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973.

<sup>6</sup> PALMER, Michael. **Freud e Jung**: sobre religião. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2001.

<sup>7</sup> FRANKL, Viktor Emil. **A vontade de sentido**. Trad. Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

diferente: o médico vienense foi psiquiatra e filósofo e fundou uma escola de psicoterapia denominada Logoterapia e Análise Existencial, atuando no seu tempo histórico. Nasceu em uma família de cultura judaica, assim como Freud, mas, ao contrário deste, não se opôs às manifestações da religiosidade humana. Sua teoria, ao invés de centrar-se na psique, dá ênfase à relação do ser humano com o mundo, sobretudo na busca de sentido para a vida.

Seu primeiro lampejo sobre o sentido da vida aconteceu quando tinha apenas quatro anos de idade e tomou consciência da morte. Em um segundo momento, já na adolescência, reagiu a uma interpretação reducionista de seu professor acerca da vida, pois, se ela se resumisse, de fato, a um processo de oxidação e combustão, careceria de um sentido profundo<sup>8</sup>.

Com formação acadêmica em medicina e especializado em neurologia e psiquiatria, desenvolveu suas primeiras ideias teóricas e práticas acerca de uma psicoterapia centrada no sentido da vida. Entretanto, indubitavelmente, a sua experiência como prisioneiro, sob número 119.104, nos campos de concentração nazistas, foi fundamental para validar, em sua “existência desnuda”, a relevância da busca de um *logos* para dizer “sim à vida”.<sup>9</sup>

No livro *Em busca de sentido* é possível encontrar algumas notas sobre a religiosidade, que se constituiu como uma das áreas de interesse dos próprios cativos. Assim, o autor chegou a expressar que “o interesse religioso dos prisioneiros, quando surgia, era o mais ardente que se possa imaginar. Não era sem um certo abalo que os prisioneiros recém-chegados se surpreendiam com a vitalidade e profundidade do sentimento religioso”<sup>10</sup>.

Além da manifestação coletiva, os fenômenos religiosos individuais também chamaram a atenção do prisioneiro 119.104 e ele relatou o caso de uma jovem mulher que se encontrava no leito de morte:

“Sou grata a meu destino por ser assim tão duro comigo [...], pois em minha vida burguesa anterior eu tive tudo o que quis e minhas ambições espirituais não eram lá muito sérias” [...] “Essa árvore ali é a única amiga em minhas solidões”, disse-me ela, apontando pela janela do barracão. Lá fora um castanheiro estava em plena florescência e do catre da enfermaria podia-se enxergar, pela pequena janela do barracão da enfermaria, um único ramo verdejante com duas flores. “Com essa árvore eu converso muitas vezes”, disse ela. Fico meio desconcertado, sem saber como interpretar suas palavras. Estaria ela sofrendo de alucinações e delírios? Por

<sup>8</sup> FRANKL, Viktor Emil. **A questão do sentido em psicoterapia**. Trad. Jorge Mitre. Campinas: Papirus, 1990.

<sup>9</sup> FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Trad. Walter O. Schlupp; Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>10</sup> FRANKL, 2008, p. 51.

isso lhe pergunto se a árvore também lhe responde – sim? E o que lhe estaria dizendo? Respondeu-me: “Ela me disse: estou aqui, – eu – estou – aqui – eu sou a vida, a vida eterna.”<sup>11</sup>.

Nos campos de concentração, o autor constatou que a expressão latina *primum vivere, deinde philosophari* (primeiro viver, depois filosofar) não foi validada; logo, propôs uma mudança substancial: *primum philosophari, deinde mori* (primeiro filosofar, depois morrer). Conforme explica o prisioneiro, dever-se-ia “prestar contas a si mesmo sobre a questão do sentido último e, depois, conseguir andar de cabeça erguida e morrer a morte exigida do mártir”<sup>12</sup>. Com isso, identifica-se que, naquela situação-limite, irrompeu um relacionamento soterrado com seu Deus oculto. Ademais, quando foi liberto, no dia 27 de abril de 1945, depois de todo pesadelo, deparou-se com a tão sonhada liberdade: “Essa experiência do libertado, porém, é coroada pelo maravilhoso sentimento de que nada mais precisa temer nesse mundo depois de tudo o que sofreu – a não ser seu Deus”<sup>13</sup>.

De fato, Frankl era uma pessoa religiosa, embora tenha passado por um período cético, conforme relata em sua autobiografia<sup>14</sup>. Independentemente de sua crença, descreveu o fenômeno religioso de uma forma demasiadamente humana, em uma perspectiva antropológica. Tornou-se professor de neurologia e psiquiatria na Universidade de Viena e proferiu conferências nos cinco continentes. Certa vez, confidenciou a Joseph Fabry:

Quando dei minhas primeiras palestras nos Estados Unidos, disseram-me que minhas teorias representavam uma novidade, pelo menos quando eram comparadas à psicanálise. Mais tarde, porém, em minhas viagens pela Ásia, Índia e Japão, disseram-me exatamente o contrário. Fui levado a ver que o que eu estava dizendo eram verdades antigas que podiam ser encontradas nos Vedas, no Zen ou nos escritos de Lao-Tsé<sup>15</sup>.

<sup>11</sup> FRANKL, 2008, p. 92.

<sup>12</sup> FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia e existencialismo**: textos selecionados em logoterapia. Trad. Ivo Studart. São Paulo: É Realizações, 2020. p. 119.

<sup>13</sup> No original: “Gekrönt wird aber all dieses Erleben des heimfindenden Menschen von dem köstlichen Gefühl, nach al dem Erlittenen nichts mehr auf der Welt fürchten zu müssen – außer seinen Gott”: FRANKL, Viktor Emil. **Trotzdem Ja zum Leben sagen**: Ein Psychologe erlebt das Konzentrationslager. München: Kösel, 1977, p. 148.

<sup>14</sup> FRANKL, Viktor Emil. **O que não está escrito em meus livros**: memórias. Trad. Cláudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2010.

<sup>15</sup> No original: Cuando dí mis primeras conferencias en los Estados Unidos, se me dijo que mis teorías representan una novedad, al menos se se les comparaba con el psicoanálisis. Pero, posteriormente, en mis giras por Asia, en la India y Japón, se me dijo precisamente lo contrario. Se me hizo ver que lo que yo decía eran antiguas verdades que podían encontrarse en los Vedas, en el Zen o en los escritos de Lao-Tsé; FRANKL, citado por FABRY, 1990, p. 25.

Conforme relatado, a imagem de ser humano proposta por Viktor Frankl se aproxima dos antigos sistemas de sabedoria espirituais, apontando para uma ascese por meio da realização de valores e sentidos descobertos na relação homem-mundo.

## Fundamentos antropológicos da vontade de sentido

Os fundamentos do sistema de pensamento de Viktor Frankl se sustentam a partir de três colunas inter-relacionadas, “que formam uma cadeia de elos que se conectam reciprocamente [...]”<sup>16</sup>: liberdade da vontade (*Freiheit des Willens*), vontade de sentido (*Wille zum Sinn*) e sentido da vida (*Sinn des Lebens*). A ligação entre os conceitos se dá pela relação entre os substantivos que complementam os termos. Conforme pode ser observado na Figura 1, a última palavra constitui o início do fundamento posterior, formando um elo indissociável:

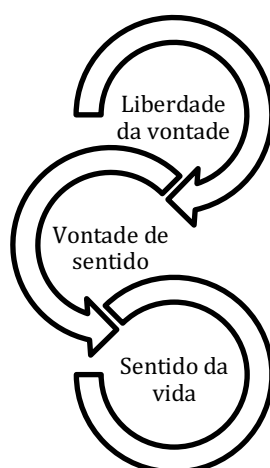


Figura 1. Bases conceituais dos fundamentos do pensamento de Viktor Frankl

A palavra *vontade* está contida em dois dos três fundamentos e pode ser compreendida como o princípio da ação<sup>17</sup> ou dos atos intencionais do ser humano, também podendo ser interpretada como decisão<sup>18</sup>. Na ótica do pensador do *logos*, a liberdade da vontade é uma condição necessária para a constituição do sentido da vida: “A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido”<sup>19</sup>.

<sup>16</sup> FRANKL, 2011, p. 7.

<sup>17</sup> ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

<sup>18</sup> ALLERS, Rudolf. **Psicologia do caráter**. Trad. N. L. Rodrigues. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1958.

<sup>19</sup> FRANKL, 2008, p. 89.

No fundamento denominado como liberdade da vontade, entende-se que a religiosidade deve ser uma escolha, para ser, de fato, autêntica. Por conseguinte, compreender a vida por meio de uma cosmovisão religiosa deve ser uma decisão e não provir de uma pulsão religiosa. Ademais, o autor adverte que a fé, a esperança e o amor não resultam de determinações impostas – assim como a felicidade e o riso são fenômenos que precisam de uma razão para emergir<sup>20</sup>. Da mesma maneira, a vontade de sentido necessita de um motivo *a priori* para vir à tona, caso contrário, tratar-se-ia de um voluntarismo. Portanto, destaca-se que “acreditar não depende do querer; esperar não depende do querer; amar não depende do querer; e acima de tudo, querer não depende do querer”<sup>21</sup>.

A liberdade da vontade, segundo Frankl, não significa estar livre dos condicionantes psicofísicos, mas, antes, livre para se posicionar perante eles e escolher, ou seja, responder por meio da consciência (*Genwissen*). Assim, liberdade e responsabilidade se constituem como duas faces da mesma moeda. Desse modo, o autor observa que “responsabilidade sempre significa uma ligação da liberdade, um estar ligado a uma ordem (superior) no sentido da lei. Um ser ligado, nesse sentido, não significa, nem mais nem menos, na tradução literal: *re-ligio*”<sup>22</sup>(tradução nossa).

Já a vontade de sentido se constitui como uma motivação primária, assim como um anelo por um sentido último, uma crença natural ou uma nostalgia pelo sagrado, que está na ordem de uma categoria transcendental kantiana<sup>23</sup>. Conforme explica, “[...] a Natureza deve ter pensado algo quando ela determinou que procurássemos sentido, numa palavra, que ela própria deve, por seu lado, ter perseguido um sentido”<sup>24</sup>. “A religião, por sua vez, pode ser compreendida como a realização da ‘vontade de sentido último’”<sup>25</sup>.

A última coluna, o sentido da vida, é fundamental para compreender a cosmovisão do sistema teórico de Frankl. Nela transparece a concepção filosófica de seu pensamento, sobretudo a concepção de um sentido incondicional da vida, que permite o ser humano, em qualquer

---

<sup>20</sup> FRANKL, 2008.

<sup>21</sup> FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. Trad. Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida: Editora Santuário, 1989. p. 69.

<sup>22</sup> No original: “responsabilidade significa siempre em ligazón de la libertad, em estar ligado em un orden (superemr) en el sentido demley. Un estaremigado, en este sentido, significa ni má emni menos en traducción literal: *re-ligio*”; FRANKL, Viktor Emil. **La voluntad de Sentido**. Barcelona: Herder. 1988. p. 75.

<sup>23</sup> FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus**. Trad. Walter O. Schlupp.; Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.

<sup>24</sup> FRANKL, 1990, p. 55.

<sup>25</sup> FRANKL, 1992, p. 89.

condição, buscar e encontrar sentidos. Segundo Batthyany<sup>26</sup>, na apresentação do livro *Gottsuche und Sinnfrage*, na obra de Frankl, encontram-se três tipos de significado acerca do sentido: 1) O sentido na vida (refere-se ao sentido do momento, do aqui e agora da biografia do sujeito); 2) O sentido da vida (abarca desde o nascimento até a morte); 3) O sentido da totalidade do mundo (pergunta religiosa e filosófica sobre a finalidade do mundo).

O ser humano é incapaz de apreender o sentido absoluto, ou seja, o sentido da totalidade. Dessa forma, “a questão do sentido falha assim que é aplicada ao todo. A totalidade, de fato, é incomensurável e, portanto, seu sentido necessariamente ultrapassa nossa capacidade de compreensão”<sup>27</sup>(tradução nossa). Nesse caso, Frankl discorre acerca do suprasentido (*Übersinn*) que, por sua profundidade, não é suscetível de uma compreensão racional, sendo denominado como “meta-sentido” ou “para quê”: “[...] o que está além de tais sentidos particulares, o que está atrás de todos os ‘sentidos’ possíveis”<sup>28</sup>

Por esse motivo, na prática clínica, a análise existencial prioriza o “sentido na vida”, por ser mais concreto, *hic et nunc* (“aqui e agora”) e, além disso, por estar latente nas situações em que o sujeito se vincula. Nessa acepção, a fonte de sentido é a própria vida – em outras palavras, a vida pergunta e a pessoa deve responder às questões formuladas ao longo da sua relação com o mundo<sup>29</sup>.

Segundo a análise existencial de Viktor Frankl, o ser humano não é apenas um ser para a morte, mas também um ente que, por causa da sua finitude mundana, busca e questiona-se acerca do sentido da vida, do sofrimento e da morte. O autor define o ser humano como um ser “consciente de” e responsável por algo ou alguém, dessa maneira, o ser humano é também um ser que decide perante quem se sente responsável. Assim, há pessoas que pautam a sua responsabilidade perante a sociedade, outros perante a consciência e, ainda, há aqueles que se

<sup>26</sup> BATTHYANY, Alexander. Acerca de este libro. In: FRANKL, Viktor; LAPIDE, Pinchas. **Búsqueda de Dios y sentido de la vida**: diálogos entre un teólogo y un psicólogo. Barcelona: Herder, 2005. pp. 9-24.

<sup>27</sup> No original: “La pregunta por el sentido fracasa tan pronto como se aplica a la totalidad. La totalidad, en efecto, es inabarcable, y por eso su sentido rebasa necesariamente nuestra capacidad de comprensión.” FRANKL, Viktor Emil. **El hombre doliente**: fundamentos antropológicos de la psicoterapia. Barcelona, Herder, 2003. p. 246.

<sup>28</sup> FRANKL, 1990, p. 55.

<sup>29</sup> FRANKL, 2003.

sentem responsáveis perante o seu próprio Deus<sup>30</sup>. Ademais, ter em conta a vida como uma tarefa ou um dever pode ter efeitos terapêuticos:

[...] vivenciar a vida simplesmente como dever – poderia dizer-se: como missão pessoal –, consegue aumentar o sentido de responsabilidade a um grau altamente significativo do ponto de vista psicoterapêutico, então se revela que a vivência religiosa, a experiência de se sentir refugiado, no sentido mais verdadeiro da palavra, certamente possui um grau um pouco maior dessa relevância terapêutica<sup>31</sup>(tradução nossa).

Em sua ontologia dimensional, o autor define o ser humano como um ser tridimensional (noo-psico-somático), que se manifesta como uma *unitas multiplex*<sup>32</sup>. Como dimensão noológica, o autor compreende uma dimensão humana ou existencial. Consequentemente, os fenômenos humanos ou noéticos se caracterizam por duas qualidades: autotranscendência (ex. amor e consciência) e autodistanciamento (ex. humor e heroísmo). Em última instância, o que caracteriza a existência humana é sua abertura para o mundo, ou seja, lançar-se para os valores transcendentais vivenciais (*homo amans*) e criativos (*homo faber*) ou se posicionar perante um destino sofrido (*homo patiens*)<sup>33</sup>.

Segundo a análise existencial, o ser humano, como um ente que responde à vida, constitui a sua essência na consumação de sua temporalidade por meio de valores e sentidos. Cada ação no mundo constitui o monumento do ser que, ao agir, transpõe as possibilidades (poder ser) para a realidade (ser-assim), compondo a sua essência espiritual a partir da existência. Logo, na morte fecham-se todas as possibilidades de ser e, então, o ser humano se define – nesse momento coincide essência e existência, constituindo o seu ser-no-mundo e, por fim, nasce o ser<sup>34</sup>. De forma similar, observou Buber: “para o homem como ‘ser vivo’, a consciência da morte é o limite ameaçador. Para ele, como ser enredado na contradição, esta consciência pode transformar-se em porto e ser benéfica”<sup>35</sup>.

<sup>30</sup> FRANKL, Viktor Emil. **El hombre en busca de sentido**. Trad. Christine Kopplhuber; Gabriel Insausti Herrero. Barcelona: Herder, 2004.

<sup>31</sup> No original: “[...] vivenciar la vida como simplemente un deber – podría decirse: como una misión personal –, logra aumentar el sentido de responsabilidad en un grado sumamente significativo desde el punto de vista psicoterapêutico, entonces se revela que la vivencia religiosa, la vivencia de sentirse refugiado, en sentido más próprio de la palabra, seguramente posee un tanto mayor grado esta relevancia -terapêutica.”; FRANKL, 1988, pp. 75-76.

<sup>32</sup> FRANKL, 2011.

<sup>33</sup> FRANKL, Viktor Emil. **La idea psicológica del hombre**. Madri: Rialp, 1988.

<sup>34</sup> FRANKL, 1989.

<sup>35</sup> BUBER, Martin. **Imagens do bem e do mal**. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 20.

Partindo da aparente contradição entre morte e vida, o autor do *logos* concebeu que é a morte que dá sentido à vida. Por isso, Frankl concluiu que o passado, como biografia, é fundante no processo de realização, posto que, apesar da mortalidade, o que é vivido no pretérito permanece perene e eternizado, conforme expressa em sua teoria ontológica do tempo<sup>36</sup>.

No passado, coisa alguma é irremediavelmente e irreparavelmente perdida, mas cada coisa é guardada para sempre. Em geral, é verdade, as pessoas só enxergam o campo de restolhos da transitoriedade; não vêm as tulhas cheias de grãos nas quais depositaram os frutos de suas vidas: as ações praticadas, as obras realizadas, os amores amados, os sofrimentos corajosamente sofridos. Neste sentido, podemos compreender o que o livro de Jó diz sobre o homem: que ele chega ao túmulo “como um feixe de trigo maduro colhido no tempo certo”<sup>37</sup>.

Para Frankl, o ente perde as possibilidades do porvir apenas no momento da morte, tornando-se o seu próprio passado, seu “ser-assim”, logo, o momento da morte se assemelha à imagem do círculo e “enlaça o princípio com o fim”<sup>38</sup> (tradução nossa). Ademais, imediatamente após aquele instante final, se perde também a concepção de tempo e espaço e “[...] a eternidade não é um tempo que se estende ao infinito, senão que está acima do espaço e do tempo”<sup>39</sup> (tradução nossa).

## Religião e religiosidade no pensamento de Frankl

Para o sistema de pensamento de Viktor Frankl, a religiosidade não é concebida como uma posição, contudo, é compreendida como um objeto de investigação<sup>40</sup>. Dessa forma, o autor asseverou que “também nos dedicamos ao fenômeno da religiosidade da pessoa, mas considerada um fenômeno essencialmente humano”<sup>41</sup> (tradução nossa).

Além da vontade de sentido último, Frankl admite a possibilidade da existência de um sentido último, um sentido geral ou um meta-sentido, pois este está mais além da compreensão racional<sup>42</sup>.

<sup>36</sup> Ver FRANKL, 1989.

<sup>37</sup> FRANKL, 1989, p. 32.

<sup>38</sup> No original: “Enlaza el principio con el fin”; FRANKL, 2003, p. 168.

<sup>39</sup> No original: “[...] la eternidad non es tiempo que se prolonga hacia el infinito, si non que está por cima del espacio y el tiempo”; FRANKL, Viktor Emil. **En el principio era el sentido**: reflexiones en torno al ser humano. Trad. Héctor Piquer Minguijón. Barcelona: Paidós, 2000. p. 79.

<sup>40</sup> FRANKL, Viktor Emil. **O sofrimento de uma vida sem sentido**: caminhos para encontrar a razão de viver. Trad. Karleno Bocarro. São Paulo: É Realização, 2015.

<sup>41</sup> No original: “También nos dedicamos al fenómeno de la religiosidad de la persona, pero considerado como un fenómeno esencialmente humano”; FRANKL, 2000, p. 19.

<sup>42</sup> FRANKL, 2000.

Sobre esse aspecto, afirmou em sua autobiografia: “Nas minhas últimas publicações volto continuamente à questão sobre o que seria um mero acaso e quando haveria, atrás de um suposto mero acaso, um sentido mais alto ou profundo, um sentido último”<sup>43</sup>. O pensador do *logos* não se deteve no que concerne à existência de Deus; mas, com base na afirmação filosófica de que o ser humano inventa a si mesmo, indagou: “ou o homem é imagem e semelhança de Deus ou Deus é uma mera super imagem do homem?”<sup>44</sup>; em outra formulação, questionou: “Deus é uma descoberta ou pura invenção do homem?”<sup>45</sup>.

Encontram-se, em seu pensamento, dois caminhos distintos e inconciliáveis do homem moderno, dos quais Viktor Frankl busca não apenas uma resposta, mas, sobretudo, desvelar possíveis consequências e desdobramentos na imagem do ser humano. Nessa direção, o autor constatou que, quando o ser humano se autocompreende como criatura, por conseguinte, interpreta-se como imagem e semelhança do seu criador, entretanto, quando passa a se perceber como criador, concebe-se como imagem da sua própria criação, qual seja, a máquina<sup>46</sup>. Dessa forma, aventam-se duas possibilidades acerca da *imago hominis*: “ou o homem é concebido como a imagem e semelhança de Deus ou ele se torna uma mera caricatura de si mesmo”<sup>47</sup>(tradução nossa).

Para o homem religioso que se interpreta como criatura, os diálogos com a consciência (*Gewissen*) se referem a um Tu-transcendente. Em seus solilóquios nos campos de concentração nazistas, Viktor Frankl descreveu diálogos internos acerca da experiência naquela condição desumana: “Estou desesperado, grito por dentro, mas para quem estou gritando: para mim mesmo, ao Sr. Frankl, a Deus?”<sup>48</sup>(tradução nossa). Segundo o pensador do sentido, a questão ainda segue aberta, posto que apenas o ser humano pode respondê-la, como um ser que decide.

Se a questão ainda permanece aberta, quais são as possibilidades de respostas? Segundo Viktor Frankl, pode-se decidir interpretar que os solilóquios são apenas monólogos (resposta tautológica) ou de fato se transformam em diálogos com o seu Deus (interpretação teológica).

---

<sup>43</sup> FRANKL, 2010, p. 65.

<sup>44</sup> FRANKL, 2003, p. 282.

<sup>45</sup> FRANKL, 2003, p. 282.

<sup>46</sup> FRANKL, 2011.

<sup>47</sup> Do original: “o el hombre se concibe como imagen y semejanza de Dios o deriva en mera caricatura de sí mismo”; FRANKL, 2003, p. 283.

<sup>48</sup> No original: “Estoy desesperado, grito interiormente, pero ¿a quién estoy gritando: a mi mismo, al Sr. Frankl, a Dios?”; FRANKL; LAPIDE, 2005, pp. 104-105.

Ademais, o autor propõe uma terceira via de interpretação: dialogar com o nada. O nada e o tudo são como os dois extremos de uma mesma ferradura, entre os quais não existem diferenças. Assim, asseverou: “Deus é tudo e é nada. Quando é nada? Se se intenta apreendê-lo em um conceito e compreendê-lo, resultará em nada. E quando é tudo? Quando é entendido por nada o inapreensível, o inefável, porque então esse nada nos dirá tudo”<sup>49</sup>(tradução nossa).

Por conseguinte, os monólogos se transformam em diálogos com o “Tu eterno” na medida que o ser humano se dirige ao nada. Dessa forma, Frankl considerou que, por um lado, mesmo que de forma inconsciente, o ser humano sempre interrogou Deus e, por outro, foi continuamente questionado pelo Tu mais íntimo. Logo, há uma linha tênue entre o ateu e o homem religioso: para o primeiro, seus solilóquios são diálogos consigo mesmo, enquanto, para o segundo, seu interlocutor é o próprio Deus<sup>50</sup>.

Nessa esteira, a oração é o ato espiritual que presentifica e personifica Deus como um Tu. Como não se pode conhecer a Deus e, por conseguinte, não se pode falar dele – pois ele é a dimensão supra-humana – apenas é possível falar com ele<sup>51</sup>. Aqui, o autor inclui também as orações sem palavras e chega a afirmar que: “como há canções sem palavras, também há orações sem palavras, e como aquelas são as mais bonitas, estas podem ser as mais religiosas”<sup>52</sup>(tradução nossa). Algo similar se encontra na música *Romaria*, de Renato Teixeira, na seguinte estrofe:

Me disseram, porém, que eu viesse aqui  
Pra pedir em romaria e prece  
Paz nos desaventos  
Como eu não sei rezar, só queria mostrar  
Meu olhar, meu olhar, meu olhar<sup>53</sup>.

Para Frankl, a fé religiosa é um ato existencial, conforme demonstrou em sua metáfora do alpinista: na ótica do homem religioso, esse se encontraria no pico mais alto da montanha, enquanto o homem não religioso permaneceria no pico imediatamente inferior, porque o cume da montanha

<sup>49</sup> No original: “Dios es todo y es nada. ¿Cuándo es nada? Si se intenta aprehenderlo en un concepto y comprenderlo, se resuelve en nada. ¿Y cuándo es todo? Cuando se entenderlo por nada lo inaprehensible, lo inefable, pues entonces esa nada le disse a uno todo”. FRANKL, 2003, p. 285.

<sup>50</sup> FRANKL, 2003.

<sup>51</sup> FRANKL, 2003.

<sup>52</sup> No original: “como hay canciones sin palabras, hay también oraciones sin palabras, y como aquéllas son las más hermosas, éstas pueden ser las más religiosas”. FRANKL, 2003, p. 292.

<sup>53</sup> Confira em: <https://www.letras.mus.br/renato-teixeira/271363/>

se encontra oculto pela névoa e, por esse motivo, não se atreveria a seguir adiante, permanecendo, assim, em solo firme<sup>54</sup>. Nesse sentido, a fé religiosa não subtrai a realidade e não deve retirar os pés fincados no chão, mas acresce a “existencialidade do pensador”, configurando-se como um suprasentido<sup>55</sup>.

É plausível que alguns permaneçam com os pés fincados no solo, tendo em conta que não se pode provar a existência de Deus, já que apenas algo ôntico, pertencente à natureza, é passível de provas<sup>56</sup>. Dessa forma, Viktor Frankl se aproxima de Kierkegaard<sup>57</sup>, quando esse compreendeu, em sua obra *Temor e Tremor*, que o homem religioso vivencia o paradoxo absoluto, portanto, sustenta-se entre a dúvida e a fé, a finitude e seu anelo pelo infinito, o que requer um salto em um abismo intransponível<sup>58</sup>.

Ademais, aqueles que dão o salto para o pico mais alto da montanha não devem ser críticos com quem permaneceu aquém, pois o homem religioso é quem deve ter uma postura mais tolerante e, assim, respeitar a decisão do ser humano que não se lançou no estágio mais adiante, tendo em conta que é a cosmovisão (*Weltanschauung*) religiosa que concebe que o ser humano foi criado livre. Essa liberdade é tão radical que pressupõe também a possibilidade de negar a instância mais elevada<sup>59</sup>. Assim, conclui o pensador do *logos*, “ou a liberdade humana de decisão a favor de Deus ou contra ele é respeitada ou, de fato, a religião é um delírio”<sup>60</sup>.

Para o autor, a fé genuína deve ser existencial, ou seja, a pessoa precisa decidir: “à religiosidade verdadeira, para que seja existencial, deve ser dado o tempo necessário para que possa brotar espontaneamente”<sup>61</sup>. Portanto, aqueles que se lançam para o cume mais alto da montanha, fazem-no por um ato de fé ou de amor, tendo em vista que Deus não precisa de provas. Neste caso, Frankl substitui a premissa cartesiana: *Cogito ergo sum* para *Amo (Deum) ergo (Deus) est*, ou seja, o homem religioso deduz a existência de Deus não ao ato de pensar, mas ao ato de amar<sup>62</sup>. Assim,

<sup>54</sup> FRANKL, Viktor Emil. **El hombre em busca del sentido último**. Trad. Isabel Custodio. Barcelona: Paidós, 1999.

<sup>55</sup> FRANKL, 1992

<sup>56</sup> FRANKL, 1988.

<sup>57</sup> KIERKEGAARD, Sören. **Temor e Tremor**. Trad. Maria José Marinho. Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

<sup>58</sup> HUISMAN, Denis. **História do existencialismo**. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru: Edusc. 2001.

<sup>59</sup> FRANKL, 1999.

<sup>60</sup> FRANKL, 2020, p. 50.

<sup>61</sup> FRANKL, 1992, p. 55.

<sup>62</sup> FRANKL, 1988.

a relação do homem religioso com um Tu transcendente pode ser compreendida na categoria do *homo amans*, tendo em vista que o ato de amar, segundo Viktor Frankl<sup>63</sup>, capacita aquele que ama a captar a essência e a potência do ser amado.

## O papel da consciência e do inconsciente religioso

A religião permeia duas dimensões indissociáveis: a individual e a social. Deste modo, a sua dimensão histórica encontra-se em sua instância social e em suas representações mitológicas, que seriam, em última análise, perguntas sobre o sentido da vida<sup>64</sup>.

A logoterapia e a religião se aproximam por se preocuparem com o sentido da vida, entretanto, a estrutura da religião se manifesta de forma antagônica, já que dá a resposta acerca do sentido antes que o ser humano pergunte. Para a logoterapia, o ser humano é indagado pela vida e dá a resposta pessoal sobre o sentido<sup>65</sup>. Para rastrear o sentido da situação, Frankl estabeleceu o princípio da consciência intuitiva (*Gewissen*). Dessa forma, a compreensão acerca da consciência parece ser um critério fundamental na distinção entre o homem religioso e irreligioso.

Destarte, antes de discorrer sobre o homem religioso, é imperativo clarificar a voz da consciência. Para se tornar mais compreensível, Frankl cita a escritora austríaca Marie von Ebner-Eschenbach (1830 – 1916): “Seja o mestre de seus desejos e o servo de sua consciência”<sup>66</sup>(tradução nossa). Assim, explica que, por um lado, ser mestre do seu desejo significa que o ser humano, como ser responsável, vai além do seu psicofísico e, portanto, não deve ser guiado por ele; por outro lado, ser servo da consciência pressupõe que essa voz deve ser transcendente ao ser humano.

Conforme Frankl, “a partir dos ditames da consciência, pode-se muito bem começar uma revolução, quando um sentido único se torna um valor universal [...]. O sentido único de hoje é o valor universal de amanhã. É desse modo que as religiões são criadas e que os valores evoluem”<sup>67</sup>. Pela intuição de possibilidades de ser no porvir da existência, a consciência pode descobrir novos sentidos que, em seguida, podem ser compartilhados e trilhados por outras pessoas. Assim, novos valores são cristalizados na História da humanidade.

---

<sup>63</sup> FRANKL, 2008.

<sup>64</sup> BATTHYANY, 2005.

<sup>65</sup> BATTHYANY, 2005.

<sup>66</sup> No original: “Sé el maestro de tu deseos y el sirviente de tu conciencia”. FRANKL, 1999, p. 71.

<sup>67</sup> FRANKL, 2011, p. 82.

Indubitavelmente, em sua dimensão individual, a religião – segundo a análise existencial de Frankl – é um fenômeno privado e íntimo que o ser humano tende a proteger da contemplação e ataques públicos pelo pudor<sup>68</sup>. Além disso, com a mudança do *Zeitgeist*, o que se encontra reprimido não é mais o *eros*, como na época de Freud, mas sim o *logos*, como nos tempos de Frankl<sup>69</sup>. Por conseguinte, “o homem pode ser muito mais religioso do que quer admitir”<sup>70</sup>.

Dessa forma, pode-se compreender que, além de um *eros* inconsciente, encontra-se também um *logos* e uma *religio* no inconsciente espiritual. Por esse motivo, até as pessoas não religiosas manifestam sonhos religiosos<sup>71</sup>. Sobre o inconsciente religioso, o autor explica que: “nos salmos se faz menção ao ‘Deus oculto’, e a cultura grega dedicou um altar ao ‘Deus desconhecido’. Da mesma forma, nosso conceito de um Deus inconsciente refere-se à relação oculta que o homem mantém com um Deus que, por sua vez, também está oculto”<sup>72</sup>(tradução nossa).

Frankl toma a perspectiva de um Deus oculto com base em Pascal, ao afirmar que o homem apenas pode ser compreendido a partir de Deus. Dessa forma, o homem primeiro descobriu Deus e apenas depois o esqueceu<sup>73</sup>. Assim, pode-se compreender a crítica de Frankl à concepção de Freud, que pressupôs que a *imago* de Deus seria a *imago* ou a projeção do pai terrestre. De fato, psicologicamente, a relação filho-pai antecede a relação homem-Deus; mas teologicamente, Deus como criador precede a criatura, logo, a *imago* do pai terrestre que é *imago* do pai celeste<sup>74</sup>. Nessa acepção, entendem-se as palavras de Frankl quando afirmou que “ninguém nos fará acreditar que o homem é um animal sublimado, uma vez que tenhamos mostrado que dentro de cada homem existe um anjo reprimido”<sup>75</sup>(tradução nossa).

Como a análise existencial demonstrou a tese de um anjo reprimido? Viktor Frankl avançou no processo terapêutico alcançando as alturas (dimensão noológica) e não apenas as profundezas da psique (inconsciente instintivo), assim, pôde descobrir um inconsciente espiritual. Para ele, há

---

<sup>68</sup> FRANKL, 2000.

<sup>69</sup> FRANKL, 1999.

<sup>70</sup> FRANKL, 1992, p. 88.

<sup>71</sup> FRANKL, 1999.

<sup>72</sup> No original: “En los salmos, se hace mención al ‘Dios oculto’, y la cultura griega dedicó un altar al ‘Dios desconocido’. De igual forma, nuestro concepto de un Dios inconsciente hace referencia a la relación oculta que el hombre mantiene con un Dios que a su vez también está oculto”. FRANKL, 1999, p. 83.

<sup>73</sup> FRANKL, 1988.

<sup>74</sup> FRANKL, 1999.

<sup>75</sup> No original: “Nadie nos hará creer que el hombre es un animal sublimado una vez hayamos mostrado que dentro de cada hombre hay un ángel reprimido”. FRANKL, 1999, p. 79.

uma responsabilidade inconsciente onde residem as grandes decisões humanas. Ademais, encontra-se no inconsciente um relacionamento oculto com Deus<sup>76</sup>. Dessa maneira, Elisabeth Lukas vislumbrou que “a consciência, o amor e a arte constituem, portanto, portões de acesso para o ‘Deus inconsciente’, e a intuição, a imaginação e a inspiração são os caminhos que nos ajudam a trespassar esses portões”.<sup>77</sup>

Para não se tornarem ancilas da teologia, as conclusões da análise existencial frankliana foram concebidas a partir das investigações clínicas da psicoterapia. Por esse motivo, para fins da análise dos sonhos em uma perspectiva existencial, a logoterapia defende que, a princípio, deve-se converter a sua linguagem concreta para a mais abstrata possível, para, em seguida, associá-la ao vivido concreto do sonhador<sup>78</sup>. Segundo Izar Xausa, Viktor Frankl utilizava uma postura fenomenológica, assim como a associação livre e o diálogo socrático, para desvelar o sentido dos símbolos oníricos<sup>79</sup>. Nessa perspectiva, suspende-se todo saber prévio acerca do objeto (imagens simbólicas dos sonhos) para apreender o seu significado para a existência do sonhador.

Da mesma forma, o Talmude já alertava que “um sonho não interpretado é como uma carta não aberta”<sup>80</sup>. Segundo a prescrição judaica, em suas obras, o psiquiatra vienense apresentou alguns exemplos da interpretação de sonhos e, dentre eles, os religiosos. Em sua prática, Viktor Frankl relata o sonho de um músico: “Sonha que está em outra cidade e deseja chamar a uma mulher determinada. Mas o disco do telefone é gigantesco (contém centenas de números) que nunca conseguia terminar de discar”<sup>81</sup>(tradução nossa).

O número que tentava discar se referia ao número da gravadora, onde trabalhava com músicas populares e na qual obtinha um certo sucesso financeiro, mas que não o realizava como pessoa espiritual. Entretanto, a cidade que sonhou é a mesma onde compunha músicas religiosas no passado, o que lhe proporcionava mais realização em comparação à atividade atual. O músico

---

<sup>76</sup> FRANKL, 1999.

<sup>77</sup> LUKAS, Elisabeth. **Psicoterapia em dignidade**: orientações de vida baseada na busca de sentido de acordo com Viktor E. Frankl. Trad. Helga H. Reinhold. Ribeirão Preto: IECVF, 2019. p. 198.

<sup>78</sup> FRANKL, Viktor Emil. **A psicoterapia na prática**. Trad. Cláudia Canon. Campinas: Papirus, 1991.

<sup>79</sup> XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. **O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

<sup>80</sup> Apud XAUSA, 2012, p. 21.

<sup>81</sup> No original: “Sueña que está en otra ciudad y desea llamar a una mujer determinada. Pero el dial del teléfono es tan gigantesco (contiene cientos de números) que no consigue nunca terminar de marcar”. FRANKL, 1999, p. 59.

ainda relatou, de forma espontânea, que precisava “optar” entre compor músicas profanas ou religiosas. Outrossim, a palavra “optar” ou “eleger”, em alemão (*wählen*), significa também “discar”. Aqui se desvela o núcleo de uma problemática religiosa, posto que *religio*, em latim, significa religar, ou seja, manifestar seu inconsciente espiritual.

Outro exemplo é um sonho que se pode atribuir ao próprio Viktor Frankl, embora ele confira a um dos seus pacientes, no seguinte relato: “Ele vai a uma excursão de alpinismo, mas só leva na mochila sapatos e cordas de alpinismo. Na excursão, ele é conduzido por um guia famoso e sua irmã o acompanha, enquanto sua mãe fica para trás”<sup>82</sup>.

Neste fragmento encontra-se que, de fato, a irmã de Frankl sobreviveu, pois migrou para a Austrália, enquanto a sua mãe morreu na câmara de gás de Auschwitz. Além disso, ele participara de uma excursão de alpinismo, uma semana antes, com o guia Peter Aschenbrenner, escalando o Himalaia. Em sua associação, afirma que os sapatos representam simbolicamente “o que possui”, a corda, “aquilo que lhe resta”, pois foi um dos poucos objetos que encontrou ao voltar dos campos de concentração. Já a excursão simboliza a vida. O guia foi associado a Deus, aquele que guia, já que um rabino no campo de concentração, certa vez, afirmara: “não se esqueça: no final nós somos sempre guiados”. Outro detalhe é que o nome *Aschenbrenner* significa “queimador de cinzas”, e Himalaia, trono de Deus. Segundo a sua interpretação, “é Deus quem transforma os homens novamente em cinzas”<sup>83</sup>. Por fim, antes de adormecer, teria lido o salmo onde está escrito: “Ergo os olhos aos montes: de onde virá meu socorro?”<sup>84</sup>. Assim, concluiu que “[...] ergueu o seu olho espiritual para o céu, e assim ele celebrou a ajuda vinda do Senhor para ele e sua irmã”<sup>85</sup>.

Sabe-se que Viktor Frankl costumava ler o livro dos Salmos todos os dias<sup>86</sup>, o que reforça a tese de que o sonho, de fato, poderia ser dele. Sendo seus próprios ou dos pacientes que atendeu em consultório, os sonhos, em sua perspectiva, configuram-se como via régia para o inconsciente espiritual, em que imagens oníricas desvelam a relação e a religação de uma nostalgia profunda com um Deus pessoal.

---

<sup>82</sup> FRANKL, 1991, p. 188.

<sup>83</sup> FRANKL, 1991, p. 189.

<sup>84</sup> BÍBLIA de JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 1091.

<sup>85</sup> FRANKL, 1991, p. 189.

<sup>86</sup> Frankl relata que lê os Salmos desde a primeira noite que esteve nos campos de concentração (Cf. FRANKL, 2005).

De forma geral, Frankl alcança a visão de uma religiosidade personalizada que vai além da religiosidade institucionalizada, mas que também não exclui essa última, tendo em conta que os símbolos que permitem uma religação com o suprasentido são herdados da cultura religiosa<sup>87</sup>. Embora tais símbolos possam ser demasiadamente humanos, não retiram a legitimidade da vivência de quem ama<sup>88</sup>.

## Considerações finais

O presente artigo objetivou identificar o papel da vontade de sentido último para o homem religioso, com base no pensamento de Viktor Frankl. Como se pôde demonstrar, além da vontade de sentido, o pensador abordou a vontade do sentido último da vida, o que resulta em sua compreensão acerca da religiosidade como fenômeno especificamente humano. Partindo da premissa de que o ser humano é atraído pelos valores, assim como os objetos o são pelo campo gravitacional, o *homo religiosus* é aquele que nomina o magnetismo do seu núcleo como o sentido primeiro e último de sua existência.

Quanto à experiência religiosa, ela se insere na categoria valorativa denominada valores vivenciais, na medida que se vivencia o verdadeiro, o bom e o belo na relação com o Tu transcendente, na perspectiva do “totalmente outro”. O homem religioso, dessa forma, manifesta sua vontade de sentido último na busca de respostas para o seu anelo com o supra-Ser. Nessa direção, o inconsciente espiritual joga um papel fundamental como chave de compreensão da relação oculta com um Deus pessoal, que se expressa por meio dos sonhos. De forma mais específica, pôde-se identificar que os sonhos religiosos são considerados como uma manifestação da vontade de sentido último. Conforme aventou Viktor Frankl, o homem possui um “anjo reprimido”, ou seja, um Deus latente, sendo ele mais profundo do que a razão e a própria consciência e, portanto, arraigado no inconsciente espiritual.

De forma geral, constatou-se que, além da vontade de sentido, o ser humano também se preocupa com o sentido da totalidade do mundo, aquela dimensão mais elevada (supra-humana)

---

<sup>87</sup> FRANKL, 2015.

<sup>88</sup> Para o autor em foco, há um grande abismo entre o símbolo e o objeto simbolizado quando se trata do supra-Ser, assim, torna-se compreensível que, nas religiões, Deus é simbolizado de forma antropomórfica (FRANKL, 1992).

que abarca também a dimensão inferior (humana). Por meio da fé ou da intuição, manifesta-se o anelo por um Deus ignoto, que por vezes se encontra inconsciente. Como um ser que decide, o ser humano também precisa escolher entre atravessar ou não a soleira da porta da religião— em outras palavras, se interpreta a voz da consciência como imanente à psique ou transcendente ao ser. Esta última concepção acresce à ideia de um suprassentido e de um supra-Ser, cujo acesso se dá apenas pelo amor e pela fé incondicional. Em última análise, torna-se necessário respeitar a decisão do ser humano que permanece antes da soleira da porta da religião, demonstrando uma atitude de tolerância e humanidade para os que não creem, porque a fé genuína é um ato existencial que está no âmbito da liberdade da vontade e, portanto, não deve ser reprimida, tanto quanto não pode ser imposta.

## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ALLERS, Rudolf. **Psicologia do caráter**. Trad. N. L. Rodrigues. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1958.
- BATTHYANY, Alexander. Acerca de este libro. In: FRANKL, Viktor; LAPIDE, Pinchas. **Búsqueda de Dios y sentido de la vida: diálogos entre un teólogo y un psicólogo**. Barcelona: Herder, 2005.
- BÍBLIA de JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BUBER, Martin. **Imagens do bem e do mal**. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 1992.
- EUKEN, Rudolf. **O sentido e o valor da vida**. Trad. João Távola. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973.
- FABRY, Joseph. **La búsqueda de significado: la logoterapia aplicada a la vida**. Trad. Sergio Lugo Rendo. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- FRANKL, Viktor Emil. **Trotzdem Ja zum Leben sagen: Ein Psychologe erlebt das Konzentrationslager**. München: Kösel, 1977.

FRANKL, Viktor Emil. **La idea psicológica del hombre**. Madri: Rialp, 1986.

FRANKL, Viktor Emil. **La voluntad de Sentido**. Barcelona: Herder, 1988.

FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Trad. Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida: Editora Santuário, 1989.

FRANKL, Viktor Emil. **A questão do sentido em psicoterapia**. Trad. Jorge Mitre. Campinas: Papirus, 1990.

FRANKL, Viktor Emil. **A psicoterapia na prática**. Trad. Cláudia Canon. Campinas: Papirus, 1991.

FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus**. Trad. Walter O. Schlupp.; Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.

FRANKL, Viktor Emil. **El hombre en busca del sentido último**. Trad. Isabel Custodio. Barcelona: Paidós, 1999.

FRANKL, Viktor Emil. **En el pricipio era el sentido: reflexiones em torno al ser humano**. Trad. Héctor Piquer Minguijón. Barcelona: Paidós, 2000.

FRANKL, Viktor Emil. **El hombre doliente: fundamentos antropológicos de la psicoterapia**. Barcelona: Herder, 2003.

FRANKL, Viktor Emil. **El hombre en busca de sentido**. Trad. Christine Kopplhuber; Gabriel Insausti Herrero. Barcelona: Herder, 2004.

FRANKL, Viktor Emil; LAPIDE, Pinchas. **Búsqueda de Dios y sentido de la vida: diálogos entre un teólogo y un psicólogo**. Trad. Gilberto Canal Marcos. Barcelona: Herder, 2005.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Trad. Walter O. Schlupp; Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, Viktor Emil. **O que não está escrito em meus livros: memórias**. Trad. Cláudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2010.

FRANKL, Viktor Emil. **A vontade de sentido**. Trad. Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor Emil. **O sofrimento de uma vida sem sentido**: caminhos para encontrar a razão de viver. Trad. Karleno Bocarro. São Paulo: É Realização, 2015.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia e existencialismo**: textos selecionados em logoterapia. Trad. Ivo Studart. São Paulo: É Realizações, 2020.

JOÃO PAULO II. **Cruzando o limiar da esperança**. Trad. Antônio Agonose; Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

KIERKEGAARD, Sören. **Temor e Tremor**. Trad. Maria José Marinho. Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

HUISMAN, Denis. **História do existencialismo**. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru: Edusc, 2001.

LUKAS, Elisabeth. **Psicoterapia em dignidade**: orientações de vida baseada na busca de sentido de acordo com Viktor E. Frankl. Trad. Helga H. Reinhold. Ribeirão Preto: IECVF.

PALMER, Michael. **Freud e Jung**: sobre religião. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2001.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. **O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.